

⓪ Sagrado e o Profano



HOMENAGEM A J. S. DA SILVA DIAS



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1986

MORT ET DECHRISTIANISATION

Os estudos sobre a morte e a descristianização têm vindo a ser problematizados desde há alguns anos no domínio historiográfico europeu e mundial. Um dos seus maiores especialistas, o Prof. Michel Vovelle, esteve recentemente em Coimbra, a convite do Centro de História da Sociedade e da Cultura, onde orientou um seminário sobre aquela temática nos dias 21 e 22 de Abril de 1986.

Na primeira sessão apresentou-nos uma panorâmica das atitudes perante a morte, em França desde a revolução de 89 até 1820, estudo que fez através do recurso a fontes historiográficas específicas (a iconografia, os testamentos, por ex.) que vem utilizando' e aprofundando em alguns dos seus conhecidos trabalhos como, por exemplo, *Piété Baroque et Déchristianisation en Provence au XVIII^e siècle. Les attitudes devant la mort d'après les clauses des testaments*, Paris, 1973; *Mourir autrefois. Attitudes collectives devant la Mort aux XVII^e et XVIII^e siècles*, Paris, 1974, e *La Mort et l'Occident de 1300 à nos jours*, Paris, 1983.

Falou-nos do que entendia ser a descristianização revolucionária e violenta do Ano II: o culto da razão e do Ser Supremo não era nem movimento popular espontâneo nem imposto de cima; mas nascera como expressão' de correntes activistas da revolução' que tinham uma dinâmica própria.

O movimento da descristianização foi lento; foi, em palavras suas, um «temps moyennement long».

Interrogou-se sobre as ligações entre as atitudes colectivas perante a morte e os movimentos de descristianização, laicização e secularização. Continuou depois a sua análise debruçando-se sobre a crise que sobreveio à civilização cristã pós tridentina, notando uma mudança nas atitudes religio-

sas que já se manifestava antes da própria Revolução Francesa e a que não foi estranho o discurso das *Luzes*. De facto a Igreja assumia nas suas pastorais essa atitude pois nelas apelava à problemática da salvação; a Igreja «domesticava» as mortes através das indulgências e missas. E isto acontecia no mundo rural e no urbano. Notou assim duas forças contrárias em actuação conjunta: por um lado, a cultura resultante da expressão ideológica das *Luzes* e por outro, as práticas de representação colectiva.

As *Luzes* quiseram exorcizar a morte como luta contra o fanatismo e superstição (e recordou o exemplo do cura Meslier). Depois, a Revolução* Francesa veio a revelar-se como expressão colectiva da aventura mortal, o «massacre». A violência é a morte e tem presença obsessiva. Daí concluiu que a importância da Revolução Francesa na história da morte e da descristianização residia no surgir da morte colectiva. Relativamente à prática revolucionária salientou alguns compromissos que surgiram após a Revolução: o culto dos heróis, o novo ritual (por ex. a Igreja de S. Geneviève foi transformada em Panteón). Há pois uma grande liturgia em torno da Revolução; há uma ritualização própria que tem o seu eco nas festas revolucionárias e nas festas fúnebres: «o homem justo nunca morre, vive na memória do cidadão». Os cemitérios do século XIX são já previstos na França da Revolução, pois é a partir desse momento que o cemitério começa a ser concebido como moralização da morte para uso dos vivos: é o cemitério/íardim com árvores, flores, placas que recordam a vida, é um novo olhar sobre a morte.

E. a concluir esta primeira sessão do seminário, o* Prof. Vovelle fez um balanço da Revolução Francesa relativamente aos temas da morte e descristianização, salientando a emergência de um conjunto temático sobre a «morte sono», a morte cívica ou heroica, a morte familiar segundo a expressão de Philippe Ariès «la mort de toi». E notou como esta nova temática escapava ao cristianismo com os seus novos rituais: os cemitérios e as cerimónias colectivas, por exemplo. E adiantou ainda sobre uma possível extrapolação da temática para além da própria França, pois as interrogações colocadas pelas *Luzes* sobre a vida *post mortem* não são especificamente francesas: a Revolução formulou questões sobre as quais já se pensava anteriormente, fora de França também.

Na segunda sessão demarcou as várias fases que até 1900 se sucederam, em resultado de uma dialéctica entre as vias de descristianização e a evolução das atitudes de representação perante a morte.

Começou por recordar que o século XIX era um século de restauração religiosa o que foi nítido sobretudo no período de 1820-21 em que a Igreja exerceu uma grande actividade missionária ao lado de uma não menos importante actividade pastoral (as visitas pastorais). A acção pastoral permite evocar o discurso da Igreja sobre a morte, um discurso' tradicional, «terrorista», que insiste nas penas do inferno, no purgatório e na confissão. Aliás, lembrou que o século XIX é também o século do purgatório: são os documentos iconográficos que nos mostram a importância dessa temática.

Apresentou-nos uma cronologia da restauração religiosa que teve lugar desde a primeira metade do século* XIX e cujo primeiro momento transpareceu na obra de Chateaubriand *Le Génie du Christianisme*. Começou por salientar o relacionamento entre as leituras românticas e a descristianização: o «romantismo* negro» desde Lord Byron; o regresso* do sagrado, mas com os novos elementos em Fourier; a autonomia do discurso literário face ao discurso da Igreja e a importância crescente do* novo racionalismo do século XIX, herança das *Luzes* que afirma a inexistência da alma e o triunfo do> materialismo sem concessões.

Mostrou-nos como é que os novos discursos sobre a morte no século XIX se enraizaram nas práticas e representações colectivas perante a morte e como via de descristianização no mundo rural, citadino e no das religiões populares.

Depois, concentrando a sua análise nos novos conjuntos urbanos do século, apresentou os novos rituais da morte: a morgue, a vala comum, os novos cemitérios, o regresso das pompas fúnebres (um «novo barroco»), o luto de tipo novo, a estatuária, o epitáfio, o testamento, a capela familiar, a perpetuação do túmulo familiar, sonho de imortalidade e continuidade.

A concluir recordou que pelos finais do século, entre 1870-80, novas interrogações surgiram quando a prática da cremação veio pôr em causa o cemitério e quando se deu um renascimento de novas mitologias românticas com o espiritismo.

Em ambas as sessões houve um animado e esclarecedor debate face às questões levantadas. Refira-se ainda que no âmbito desta accção científica o* Prof. Michel Vovelle proferiu, no dia 22 de Abril, uma conferência intitulada *Idéologie et Mentalité Révolutionnaire*.

Esta iniciativa do* Centro de História da Sociedade e da Cultura, que se integrou no plano das comemorações do bicenténario da Revolução Francesa, contou com o apoio fundamental da Embaixada de França em Portugal, da Alliance

Française (delegação de Coimbra), do Instituto Nacional de Investigação Científica, do Conselho Directivo da Faculdade de Letras e do Instituto de História e Teoria das Ideias a quem, mais uma vez, agradecemos todo o apoio prestado e sem o qual esta acção poderia ter ficado comprometida.

Isabel Nobre Vargues

II COLÓQUIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES E SOVIÉTICOS

Realizou-se de 5 a 7 de Maio o II Encontro de Historiadores Portugueses e Soviéticos, dando assim continuidade às relações que os historiadores de ambos os países haviam encetado há dois anos atrás, em Moscovo. A temática do Encontro — «Movimentos Sociais» —, pela sua actualidade e importância, atraiu elevado número de comunicantes. Presentes estiveram professores da Universidade de Lisboa, A. Borges Coelho, José Manuel Tengarrinha, Fernando Piteira Santos, Carlos Consiglieri; da Universidade do Porto, Armando de Castro, Humberto Baquero Moreno, Vítor de Sá, Armando de Carvalho Homem, Francisco Ribeiro da Silva, Ivo* Carneiro, Luís Miguel Duarte; da Universidade do Minho, Maria da Conceição Falcão e Maria João Pires de Lima; da Universidade de Coimbra, António de Oliveira, Luís Reis Torgal, Maria Helena Coelho, Fernando Catroga, Maria Manuela Ribeiro, Amadeu Carvalho Homem, Maria Margarida Neto e o Director do Arquivo de Vila Viçosa, Mário Pestana. De entre os historiadores soviéticos destacamos os professores Kukuschkin, Tchicolini, L. M. Braguina, M. I. Kovalskia, Milskaia, Pojarskaia, Olga Variach, I. A. Pintchuk, I. A. N. Medushevski, A. S. Namazova, Vaitkevicius, Laveritchev, Fedorov, Zakharova, Kitantina, Baibakov, Azizbekian e Pitchuguina.

Pelos três dias, em sessões de manhã e de tarde, foram apresentadas cerca de quatro dezenas de comunicações, abrangendo as mais diversas áreas espaciais e todos os períodos cronológicos. Em simultâneo uma pequena exposição bibliográfica apresentava aos colegas soviéticos as mais recentes obras sobre estes assuntos ou outros afins.

Movimentos rurais e urbanos, de índole económica, social e religiosa, ocorridos em Portugal, Península Hispânica, França e Itália, nos tempos medievais, foram abordados, por especialistas soviéticos e portugueses, sob perspectivas diversas, numa